

PIRATARIA FEMINISTA: CARTOGRAFIAS DE QUALQUER MULHER NO FACEBOOK

ANA PAULA FREITAS MARGARITES¹;
CARLA GONÇALVES RODRIGUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – anamargarites@gmail.com

²Carla Gonçalves Rodrigues – cgrm@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Falamos do Brasil, mas a afirmação se aplica a muitos países ao redor do mundo: as ruas, as universidades, as escolas, a arte, o mundo do trabalho, a cultura pop e a internet têm estremecido, nos últimos anos, pelo crescimento de discussões de teor feminista (DE HOLANDA, 2019). Ao mesmo tempo em que ideias conservadoras ganham voz, mulheres colocam em questão as mais diferentes pautas, que vão do assédio nas ruas à violência e aos direitos reprodutivos.

Os *sites* de redes sociais (SRS) assumem papel importante neste contexto, especialmente se considerarmos as dificuldades de mobilização causadas pela pandemia de COVID-19. No Facebook, SRS de maior alcance no Brasil (KEMP, 2021), as discussões feministas estão presentes em grupos, perfis pessoais e páginas. Ali, mulheres das mais variadas vertentes e orientações políticas constroem e promovem ações pertinentes à militância e à teoria feminista.

Consideramos, com GUATTARI (1999), que os conteúdos da subjetividade humana dependem cada vez mais de uma infinidade de sistemas maquínicos. Neste cenário, nem a educação e nem qualquer outro “campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para a frente, ter a pretensão a escapar da influência invasiva da ‘assistência por computador’” (p. 177). O pressuposto de um indivíduo que é origem e centro do pensamento, senhor de suas reflexões e ações, é desconstruído pela noção de uma subjetividade não pré-definida, mas sim em constante processo que articula diferentes forças. Ainda que nunca acabado, este processo resulta na constituição de territórios existenciais, entendidos aqui como modos de vida que emergem individual ou coletivamente (GUATTARI, 2012).

Desta maneira, pensamos que há formas de ser feminista que surgem justamente no contexto dos SRS, mais especificamente no Facebook. Há todo um funcionamento desta plataforma que interfere no processo de produção de subjetividade; seu banco de dados, sua linguagem, seu algoritmo. Passamos a nos perguntar: como se constituem os territórios existenciais que emergem neste mar de feminismos brasileiros que povoam o Facebook?

2. METODOLOGIA

Apresentada por DELEUZE; GUATTARI (2011) como um dos princípios do Rizoma, a cartografia, principal referência de método desta pesquisa, combate o modelo representativo estrutural e positivista de pesquisa e afirma a variação por meio de uma imagem do pensamento múltiplo. A cartografia diz respeito à distribuição e ao movimento de forças em planos extensivos (trajetos, movimentos) e intensivos (forças, devires, afectos) compondo mapas com o que encontra; seu esforço aproxima-se mais de uma geografia do que de uma história.

Para DELEUZE (2011, p. 86), “não se trata da busca de uma origem, mas da avaliação dos deslocamentos”. Não há interesse em reproduzir os fatos de forma representativa, ou mesmo em alcançar metas pré-determinadas: a cartografia traça seus objetivos enquanto movimenta-se, compondo paisagens móveis que dão a ver o surgimento e o desmanchamento de mundos (ROLNIK, 2006).

É importante destacar o papel que o algoritmo do Facebook assume na produção de dados desta pesquisa. Ainda que os detalhes de seu funcionamento sejam desconhecidos fora do ambiente em que é desenvolvido, sabe-se (BUCHER, 2017) que o Facebook opera em um regime de retroalimentação conduzido por inteligência artificial: as interações dos usuários com o conteúdo servem como dados para a decisão do algoritmo a respeito do que exibir a seguir.

Levando-se este algoritmo em consideração, o processo acompanhado neste estudo iniciou-se com a ação de seguir (ou “curtir”) diferentes páginas brasileiras que publicam conteúdo feminista no Facebook. À medida que interagimos deliberadamente com o conteúdo destas páginas (reagindo ou comentando), alimentamos o algoritmo para que mais posts sejam exibidos e mais páginas sejam sugeridas.

O arquivo de dados aqui discutido foi produzido a partir de capturas de telas e links coletados durante os períodos de Lua cheia ocorridos entre janeiro e setembro de 2019. A decisão que se tomou por utilizar a Lua como critério dá-se por duas razões: Em primeiro lugar está a associação que comumente se faz entre este satélite e o corpo feminino, sua sexualidade e seus ciclos, presente em diferentes mitologias (BRUNEL, 2016). Em segundo lugar, está a atração gravitacional que a Lua exerce sobre os oceanos, causando as marés altas e baixas. Também agenciamos aqui a afirmação de SADOFF (1978) de que, na história da literatura, as paisagens naturais são femininas, passíveis de exploração pelo herói masculino que ativamente se desloca através delas. A associação com o oceano povoa o estudo com imagens que se relacionam à internet: navegação, vazamentos, e, principalmente, a pirataria como um modo de vida.

Os mapas produzidos agrupam-se em dois conjuntos: um primeiro, de mapas extensivos, foi criado a partir dos signos emitidos pelas capturas de tela arquivadas; são mapas onde os temas dos posts aparecem conectados. O segundo conjunto, de mapas intensivos, nos deu a ver os signos que mais se relacionavam entre si quando superpomos os mapas extensivos. Estes são os territórios existenciais que sobem à superfície do Facebook; neste trabalho, os chamamos de marés.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram produzidos, no total, seis mapas intensivos por onde desloca-se uma cartógrafa-pirata, personagem conceitual que dá voz ao texto da tese. Estas marés foram nomeadas com títulos de músicas brasileiras que ficaram famosas na voz de mulheres, num esforço de devorar o que parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias (ROLNIK, 2006).

A primeira maré se chama “Velha e Louca”, como a canção de Mallu Magalhães. Ela fala do humor feminista presente nos *memes* que circulam nas redes. Diz de um caráter político que emerge do riso (CRESCÊNCIO, 2016), que expõe os aspectos mais ridículos dos padrões de gênero, das falhas masculinas e até mesmo de figuras políticas. Trata-se de um humor que raramente é autodepreciativo, pois das mulheres já se riu muito. Há um caráter grupal neste riso, que precisa de eco e da cumplicidade de outras ridentes, reais ou imaginárias.

Produzem, pois, modos de existência que são principalmente coletivos: elas riem juntas, e seu riso aprova e censura.

A segunda maré se chama “Auto das Bacantes”, como a música de Ava Rocha. Diz da representação feminina: fala das mulheres sendo vistas na literatura, nas artes visuais, na ciência, nos esportes, na política. Colocam-se em questão os limites desta representação e da própria noção de identidade: há um problema que emerge quando tenta-se pensar num conceito de “mulheres” que lutam politicamente, ao mesmo tempo em que se recusa a totalização que advém da categoria (BUTLER, 2017).

A terceira maré se chama “Maria da Vila Matilde”, como a música interpretada por Elza Soares. Nela, são discutidas as violências sofridas pelas mulheres; entre casos de estupro, feminicídio e violência doméstica, emergem também temas que dividem as feministas, como a pornografia e a prostituição. Fica nítida, nesta maré, algo que chamamos de plataformização dos afetos; o algoritmo favorece o empilhamento destes casos / corpos, causando um certo atordoamento em quem com eles se depara.

A quarta maré tem o nome de “Raízes”, e foi intitulada a partir da canção de Negra Li. Aqui, surgem as discussões colocadas em pauta pelas feministas negras. Coexistem a celebração das mulheres negras e suas histórias, e o terror causado pela necropolítica (MBEMBE, 2018) que se impõe a corpos negros, femininos ou masculinos. A relação entre gênero, raça e classe é colocada não em estrutura hierárquica de opressões, mas como um conjunto de forças que atravessam vidas simultaneamente (DAVIS, 2016).

A maré “Forças da Natureza”, intitulada pela música interpretada por Clara Nunes, diz da importância das resistências ambientalistas que se entrecruzam com os feminismos. Eventos específicos como o Vazamento em Brumadinho e o aumento dos desmatamentos na Amazônia disparam críticas ao capitalismo e ao governo federal. As cosmopolíticas amazônicas (VIVEIROS DE CASTRO, 2008), que não separam humanos de não-humanos ou natureza de cultura, emergem como linhas de fuga possíveis para os impasses colocados pela crise ambiental.

Por fim, a maré “Respeita nosso Corre”, como a música de Issa Paz, discute o conceito de feminismo e as disputas daí decorrentes. Mais uma vez aparece a relação com a noção de classe, afirmando a necessidade de feminismos que vão além da perspectiva de uma ideia individualizante de empoderamento. Ganham destaque também as disputas em torno do transfeminismo; as mulheres trans causam um *glitch*, uma falha no sistema, ao colocarem em questão as dualidades entre sexo e gênero, natureza e cultura.

4. CONCLUSÕES

Ao encerrar as expedições às marés, retornamos com arquivos que são o resultado da nossa pilhagem. Vimos a impossibilidade de pensar na categoria “mulheres” isoladamente, já que qualquer modo de ser feminista foi visto, por nós, como atravessado por outras linhas. Há marés em que as mulheres estão próximas umas das outras, e apenas delas; em outros casos, vetores como raça e classe aliam-nas aos homens; diferentes interpretações dos conceitos de sexo e gênero afastam-nas; a resistência ao capitalismo em geral as reconcilia.

Destas problematizações impostas pelas paradas no trajeto, pensa-se a necessidade de afirmar uma pirataria feminista. Copiar, modificar, inventar outros usos daquilo que lemos, arquivamos e escrevemos. Buscamos escapar do que nos chega sem esforço pelos algoritmos; a pirataria sempre exige um movimento de

coragem. É questão de burlar os sistemas de segurança para acessar o que está em processo de captura pelo capitalismo, pelo colonizador, por diferentes autoridades.

Trata-se de piratear o próprio campo da Educação; invadi-lo e contaminá-lo com vozes de mulheres, navegando para fora da lógica positivista, racional, masculina. Nos foi dito que as paisagens naturais são passivas e femininas, disponíveis à exploração do aventureiro / descobridor masculino. Recusamos a dualidade. Nos interessa aqui fabular novas formas de habitar as redes, escolas, universidades e ruas. Menos investimento na construção de uma identidade feminista cristalizada, mais aposta na multiplicidade, na conexão, no link.

Não se trata, no entanto, de uma coalizão feminista; não é questão de renunciar às diferenças para que seja possível unificar as lutas. Esta unidade é inviável sem um reducionismo totalizante que procure um "chão comum" na experiência de ser mulher. Não há chão comum; há um oceano comum, e ele é móvel e instável como as marés.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNEL, Pierre. **Companion to Literary Myths, Heroes and Archetypes**. New York: Routledge, 2016.
- BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. **Information, Communication & Society**, Abingdon, UK, v. 20, n.1, p. 30-44, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. **Quem ri por último, ri melhor: Humor gráfico feminista (Cone Sul, 1975-1988)**. 2016. 361 p. (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE HOLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: PARENTE, A. (org.) **Imagem-máquina**. A Era das Tecnologias do Virtual. Rio de Janeiro: 34, 1999.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: Um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KEMP, Simon. **Relatório Digital 2021: Brazil**. 11 fev. 2021. Acessado em 05 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SADOFF, Dianne. Mythopoeia, the Moon, and Contemporary Women's Poetry. **The Massachusetts Review**, Massachusetts, USA, Vol. 19, No. 1, p. 93-110, 1978.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica, in: QUEIROZ, Ruben Caixeta de & NOBRE, Renarde Freire (orgs.), **Lévi-Strauss**. Leituras Brasileiras, Belo Horizonte, Editora UFMG, pp. 79-124.